

Universidade de Brasília - UnB
Instituto de Artes - IdA
Departamento de Artes Visuais - Vis

A Inspiração Poética dos Elementos da Natureza para o Imaginário Material

Um Caminho para Educação em Artes Visuais via Criação

Ana Paula Queiroz Teixeira

Brasília
2011

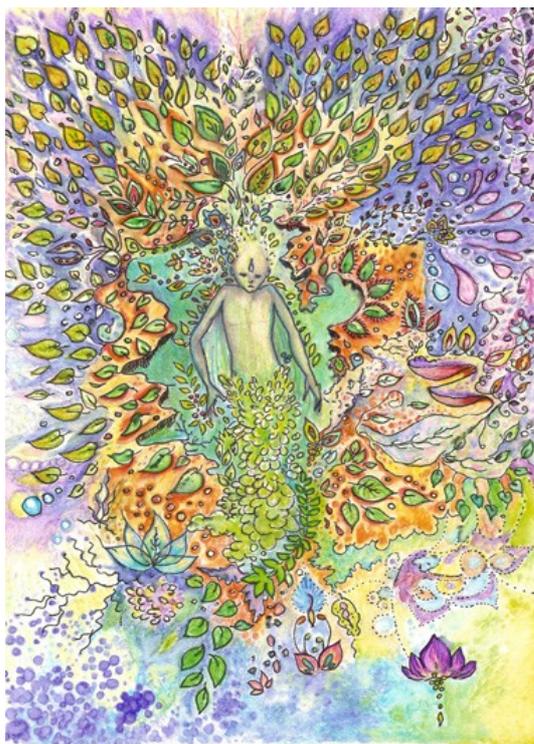


Figura - Aroni - Salve as folhas
Lápis aquarelado s/ canson – 2010

Ana Paula Queiroz Teixeira
(Brisa Versiani)

A Inspiração Poética dos Elementos da Natureza para o Imaginário Material

Um Caminho para Educação em Artes Visuais via Criação

Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Plásticas, com Habilitação em Licenciatura, do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Ana Beatriz Barroso.

Brasília
2011

O princípio de aprofundamento do nosso ser é a
comunhão mais e mais profunda com a Natureza.
(Gaston Bachelar).

Sumário

Lista de imagens.....	5
Abrindo percepções – Introdução.....	6
Seção 1.....	8
1.1 Liberando o desabrochar do inconcebível - Justificativa.....	7
1.2 A Entrega – Objetivo	12
Seção 2: A viagem interior que liberta - O método.....	14
2.1 As Cores	14
a) Verificando a percepção, inclinações e receptividade.....	14
b) Introduzindo noções técnicas de utilização das cores.....	15
c) Prática experimental	16
2.2 Introdução aos Seres Elementais.....	16
2.2.1 Elemental da Terra – Gnomos	17
2.2.2 Elemental da Água – Ondinas	18
2.2.3 Elemental do Ar – Silfos	19
2.2.4 Elemental do Fogo – Salamandras.....	20
2.2.5 Éter	21
2.2.6 Sintonizando com o Elemental pessoal.....	21
2.3 Inspiração Poética dos Elementos – Sensibilização.....	22
2.3.1 O Mergulho.....	22
2.3.2 Alimentando o Imaginário poético através do Elemento Fogo	23
2.3.3 Alimentando o Imaginário poético através do Elemento Ar	25
2.3.4 Alimentando o Imaginário poético através do Elemento Terra	25
2.3.5 Alimentando o Imaginário poético através do Elemento Água.....	25
2.4 A prática – Um devaneio da Matéria	26
2.4.1 Considerações sobre a técnica e estímulos ministrados	27
2.4.2 Uma íntima reflexão sobre a criação	27
Seção 3	28
3.1 Experimentação do Método	28
3.1.1 Registro	29
Parte 1	29
Parte 2	30
Parte 3	31
Conclusão	34
Referências Bibliográficas.....	36

Lista de Imagens

Brisa Versiani – Aroni - Salve as folhas	2
Brisa Versiani – Iemanjá Cósmica.....	16
Brisa Versiani – Dríade.....	18
Brisa Versiani – sem título	19
Brisa Versiani – FlorDala	19
Brisa Versiani – Espiralando - O Chamado das Salamandras.....	20
Brisa Versiani – Além dos olhos estão os mistérios.....	21
Zena Holloway – Fotografia	23
Brisa Versiani – Sementes.....	25
Brisa Versiani – Ofélia.....	26

Abrindo percepções - Introdução

A Inspiração Poética dos Elementos da Natureza para o Imaginário Material é a proposta de um método que visa, por meio da conscientização e do sentido de integração com a natureza, propiciar a sensibilização do indivíduo para inspirá-lo na realização de atividades práticas de arte *criação*. Conduzir a investigação do imaginário e do sentimento, movido pela poética dos elementos primordiais da natureza, resgatando uma noção de conexão com o mundo natural como forma de recordar que o universo criativo é algo muito mais disponível e abundante do que geralmente o concebemos. É uma compreensão simbólica de que é possível criar, propriamente falando, quando há uma intenção em fazê-lo, uma vez que isso já é realizado em diversas outras dimensões da vida.

O presente projeto contempla uma vivência de exploração do universo imaginário, os caminhos e possibilidades que se desvelam a partir de um direcionamento focado no devaneio poético e no contato com a pintura; a educação do olhar por meio da leitura e apreciação de obras de arte; possibilidades de se sensibilizar por meio da poesia (e também contos) e sua relação com a investigação *interior*; as sensações e memórias que emergem de nós a partir da consciência da atuação dos elementos - terra, fogo, água e ar - em nós, integrando-nos ao nosso sistema mais básico de existência: o nosso corpo e o nosso planeta.

A pintura, por seu impacto visual instantâneo, é a técnica aqui selecionada para trabalhar os elementos primordiais, de forma emblemática, através de leituras poéticas e o contato empírico com a pintura, noções sobre técnicas de composição, sobre as cores e suas muitas possibilidades de experimentação. Dando vazão ao *imaginário material* e ao encantamento.

O símbolo dos elementos primordiais nos remete a uma memória ancestral, primitiva, de nossa conexão com nosso corpo físico e de tudo que o constitui. Conscientizando-nos simbólica e organicamente de como estamos integrados com a natureza, seus ciclos e suas manifestações, dentro e fora de nós, como forma de observarmos o quanto esses elementos nos influenciam energeticamente e, mesmo que de forma inconsciente, influenciamos e criamos, literalmente, a nossa realidade, o tempo todo. E, através deste *passeio* em nós (nossa natureza essencial), veremos

que somos integrantes ativos de um sistema unitário, *cósmico*, em que absolutamente tudo acontece antes em forma de pensamento (imagens, vislumbres), e logo em forma de realidade (material). A imaginação é um ingrediente poderosíssimo, de tal modo que, quando canalizada de forma que possa nos beneficiar criativamente, possibilidades interessantes podem ocorrer – um grande exemplo são as obras de arte. É *auto-experimentação* pura, onde materializa-se a imaginação.

A imaginação aqui requerida é a *imaginação material*, que em filosofia diferencia-se da “imaginação formal”, a qual, de acordo com Gaston Bachelard (1985, p. XIII), está limitada ao campo psicológico e gnosiológico. Já a imaginação material solicita a intervenção ativa e modificadora do homem; forma imagens e ultrapassa a realidade.

Bachelard investiga a imaginação a partir de textos (imagens literais/literárias) ou obras de arte (imagens pintadas, gravadas, esculpidas). O modo tradicional da investigação da imaginação aborda no contexto de uma explicação sobre a origem e os níveis de conhecimento (relação imagem/idéia, possibilidade de um pensamento sem imagem, etc.).

Bachelard faz uma substituição do enfoque psicológico-gnosiológico que se refere à geração, ou gênese, na sucessão de etapas do conhecimento, pelo enfoque estético, onde a imagem é apreendida não como construção subjetiva sensória, mas como acontecimento objetivo, integrante de uma imagética, evento de linguagem.

(...) A imaginação material “dá vida à causa material”, e se vincula às quatro raízes ou elementos primordiais que Empédocles de Agrigenta (495/490 - 435/430 a.C.) apontava como as quatro grandes províncias-matrizes do cosmos: o ar, a água, a terra, o fogo. (BACHELARD, 1985, p. 15).

Ressalto que este exercício possui um caráter sugestivo, em que se leva muito em consideração a receptividade, a intenção e a disponibilidade dos participantes em realizá-lo. Conforme muito bem assinalado pela educadora Fayga Ostrower: “A criatividade está no potencial de cada um, a criação já é a escolha de cada um” (Ostrower, 1995: 218).

A concepção deste método, *ou caminho*, partiu de uma visão muito íntima que tenho com da arte, em nível prático, e pela abrangência que a própria palavra “arte” emprega em si. Ressalto ainda o poder do trabalho de sensibilização para preceder o desencadeamento de processos criativos.

Este plano está dividido em três seções: a primeira contempla a sua concepção - justificativa e objetivo; a segunda a aplicação do método com a introdução dos elementos e o desenvolvimento com a sensibilização e a prática; a terceira, o relato da experimentação do método e a conclusão.

Inspire-se...

Seção 1

1.1 - Liberando o desabrochar do inconcebível - Justificativa

*Os olhos foram feitos para ver coisas insólitas
Fez-se a alma para gozar da alegria e do prazer. O coração foi destinado a embriagar-se na beleza do amigo ou na aflição da ausência.
A meta do Amor é voar até o firmamento, a do intelecto é desvendar as leis e o mundo... Para além das causas estão os mistérios, as maravilhas... Os olhos ficarão cegos quando virem que todas as coisas são apenas meios para o saber.
O amante difamado neste mundo por uma centena de acusações receberá no momento da união, sem títulos e nomes.
Peregrinar nas areias do deserto nos exige beber leite de camelo, ser pilhados por beduínos...
...Apaixonado, o peregrino beija a pedra negra ansioso por sentir mais uma vez o toque dos lábios do amigo... E degustar como antes o seu beijo.
Oh, Alma! Não cunhes moedas com o ouro das palavras,
O buscador é aquele que vai à própria mina de ouro.
(Poemas Místicos do Oriente).*

Em muitas instituições as aulas de arte são resumidas em aulas de “história da arte”. Aprender sobre contextos históricos que engendraram correntes artísticas não significa exatamente que os alunos estão sendo levados a uma experiência artística. O contato empírico com a arte permite ao indivíduo sair um pouco dos ordenamentos racionais que norteiam as demais disciplinas escolares, além de deixar que penetrem em suas habilidades sensíveis, sensórias, intuitivas, criativas e expressivas, propiciando a vivência de sensibilização conectando com a prática, e com percepções e dimensões mais profundas do próprio ser, que é o que a temática dos elementos busca contemplar, na exploração do imaginário material.

Explorar, ativar e valorizar o potencial criativo, inerente à capacidade humana, não apenas pelo reconhecimento de que a experiência artística provoca um bem-estar que é sentido de imediato em quem a produz, mas também, pelo que constatei durante minhas observações enquanto estagiária na rede pública de ensino: uma grande carência de propostas criativas aos alunos e a falta de contato com obras de arte. Além disso, é unânime a consciência de que é preciso repensar o ensino das artes, de maneira geral em nosso país e países afora. O modelo atual de formação caminha na direção oposta aos apelos de conscientização acerca dos recursos naturais do planeta. Logo, é preciso estar mais sensível sobre ações que englobem as questões mais humanas e a conscientização abrangente, coletiva,

multiplicadora. A educação (com base em minhas observações) voltada para um sistema tal como o que vigora – sem intenção de entrar muito no mérito – não se sustenta, não se renova, não se suporta. Temos um modelo defasado, antiecológico e desintegrado de se ensinar, de se viver e de se produzir. O atual modelo de educação está matando a criatividade em nome de uma pressão sobre os alunos, o que inibe a espontaneidade, a sensibilidade e as faculdades intuitivas tão caras à experiência criativa. Preocupa-se exclusivamente com fatores competitivos e egoístas, conforme demonstra o educador e doutor Ken Robinson, em sua palestra *Education Kill the creativity?* (www.youtube.com, acessado em 24/10/2011).

Criar condições para a abertura do campo da expressividade humana é um grande desafio em um sistema educacional que, gradativamente, vem suprimindo a sensibilidade criativa como algo *menos* ou não importante na formação dos alunos, onde o foco racional ainda é muito forte e não busca um ponto de equilíbrio com o intuitivo e o sensível. Há uma problemática muito mais profunda, determinada pelo Estado, de que a educação (e a aula de arte) deve acontecer unicamente para atender o sistema competitivo como os vestibulares, mercado de trabalho, etc., ignorando a questão mais humana, integrada a uma natureza intrínseca e coletiva.

(...) Se, porém, para o professor, a arte representar algo de fundamental em sua vida, uma necessidade de sentir e de ser, ele haverá de transmitir sua convicção (...) A partir de seu próprio entusiasmo, ele mobilizará os jovens pela vida afora, mostrando-lhes a eterna magia e beleza da arte, a aventura que existe na sensibilidade de cada um, nestas incursões ao desconhecido e nos misteriosos reencontros consigo mesmo. É com o que de mais valioso ele poderia contribuir: em vez de mera informação, a formação do ser sensível. (OSTROWER, 1995, p. 223).

Considero que trabalhar nas aulas de arte a sensibilização, a conexão com a vida através da exploração imaginativa e da expressividade, ancorando a liberdade de ação criadora, poderá trazer um novo sentido às aulas de arte. E, mesmo que não produzamos artistas, propor experiências artísticas, através da apreciação, educação do olhar, do sentir e principalmente do fazer, já seria um resgate significativo, levando em consideração o quanto atividades de caráter criativo vem sendo subestimadas nas instituições de maneira geral.

Ampliar e explorar a criatividade e o imaginário é imprescindível se pensarmos numa educação mais humanizada, que valoriza a particularidade e a complexidade do ser humano, e dá vazão para que essa particularidade de cada um

se manifeste, além de trazer equilíbrio às formatações mais racionais que definem atualmente o “grosso” do sistema educacional.

A criatividade é liberdade de ação. A criação se dá em atos concretos e específicos (de acordo com a matéria utilizada para sua concretização). (...) A criatividade poderia ser caracterizada como um potencial de sensibilidade, experiência do sensível (...) amplo leque se abre do sensorial ao intelectual. (...) vivências estas que levem à compreensão de ordenações dinâmicas, explícitas ou implícitas, e a visões de coerência e beleza. (...) É um potencial que aprofunda nosso raciocínio consciente ligando-se ao intuitivo (ou até mesmo ao inconsciente), e que permite vivenciarmos o nosso ser e agirmos criativamente. (OSTROWER, 1995, p. 218 e 219).

A manifestação expressiva mora no campo da sensibilidade. No campo da sensibilidade emerge toda criatividade humana. Cultivar esse campo traz novos tons à existência, é alimentar de vida a própria criação, gerando um espaço e tempo diferentes, não linear, de liberdade. É onde se pode permitir surpreender, encantar, transportar a memória a outras percepções que ajudam a compreender e a criar o mundo.

Este exercício pretende lidar mais naturalmente com noções de “erro” (se é que este termo realmente exista no contexto da livre manifestação). Considero que o “medo” de errar bloqueia a passagem fluida do campo da sensibilidade e da criatividade. Além disso, a disciplina de Artes é uma das poucas oportunidades em que os estudantes podem cultivar o exercício da liberdade de ação, numa ativa criação libertadora. Comprovemos o quanto pode haver crescimento no erro. Sempre!

Todos nós carregamos, em determinado grau, alguma espécie de dor, seja ela consciente ou não. Foram muitas as obras artísticas trazidas mediante esse sentimento. Frida Khalo foi uma grande artista que se destacou por expressar de forma tão emblemática esse sentimento tão íntimo.

Um dos grandes temas do pensamento bachelariano é a solidão, sustentada pela inexorável fragmentação do tempo em instantes descontínuos, trata-se da solidão que pode e deve se tornar fecunda, desde que para superá-la se busque a via do trabalho artístico (ou do trabalho coletivo científico), no qual a imaginação libera o espírito do peso do passado e abre, ao mesmo tempo, para o futuro e para a companhia desafiante dos grandes reinos da natureza – as quatro raízes de Empédocles, fontes inesgotáveis de devaneios criadores. Aqui na região do imaginário e dinâmico, pelo ar, pela água, pela terra e pelo fogo, impera a substância que fora alijada por Bachelard do campo da elaboração do novo espírito científico, como obsoleta e pesada categoria metafísica que lhe serve de obstáculo. Aqui, ao contrário, no reino da arte, ela é imprescindível,

pois constituinte da natureza, mesmo do poético. Bachelard reconhece: toda poética possui um componente de essência material, já que a substância pertence ao país dos devaneios, não da razão científica, onde permanece como um velho sonho recorrente, que atrapalha a ciência, mas alimenta a arte. (José Américo Motta Pessanha, autor do prefácio de *O Direito de Sonhar*, BACHELARD, 1985, p. xxiv).

Criando oportunidades de fecundar o campo imaginativo, experimentando as sensações que elas trazem, vislumbrando junto à atividade e ao poder de ação, acontece a materialização deste universo único, através do próprio ato de pintar que conduz os caminhos da composição. Transportando para o que se passa internamente, podemos encontrar caminhos para perceber, nos conscientizarmos a respeito do que nos faz sofrer, e também sobre o que nos estimula e nos alegra, e principalmente sobre o que equilibra, o que nos traz centramento, serenidade... Que, acredito, está nas coisas mais simples da vida.

(...) Quem não sabe que é escravo não sofre com sua escravidão; quem nasceu na prisão e nunca saiu dela, quem nem sequer olhou pela janela gradeada, nunca viu o azul do céu lá fora, esse é escravo inconsciente, vive na feliz infelicidade duma servidão ignorada. (ROHDEN, 1966, p. 43).

Essa prisão é a ilusão de que o que necessitamos está do lado de fora. Na auto-investigação e auto-experimentação, encontramos essa liberdade dentro de nós mesmos.

1.2 - A entrega - Objetivo

“As potencialidades criativas não se darão a conhecer antes de poderem concretizar-se nos encontros da pessoa com a vida” (Ostrower, 1995: 218).

O objetivo deste projeto é propor vivências que promovam a experimentação da auto-observação em contato com materiais que estimulem e desencadeiem experiências criativas e criadoras. No caso, a pintura, uma técnica de grande impacto visual, que conduzirá seu próprio agente criador nos caminhos que o levará a sua concretização, por meio da exploração do imaginário e da associação poética dos elementos primordiais da natureza, e a noção de utilização das cores, que possui grande influência psicológica e sensorial sobre o ser humano. O intuito é deixar que a própria pintura (ao ser composta) também comunique seus percursos.

O trajeto intercessor será o contato com obras de arte, para iniciar o direcionamento, a apreciação, a educação do olhar. Através da fruição nas imagens, refletiremos sobre construções engendradas pela arte em âmbitos culturais, sociais, políticos, estéticos, etc., permitindo que haja um espaço em que transportemos nosso sentimento comum enquanto integrantes ativos nesta conjuntura, favorecida pelo legado que arte em seus diversos contextos nos deixou como fonte de conhecimento e compreensão do mundo.

Debater com os alunos sobre esses caminhos traçados pela arte, diagnosticando assim a sensibilidade perceptiva do grupo, suas inclinações e também receptividade.

Na sequência, serão introduzidas informações básicas sobre as cores, composição e experimentação.

A sensibilização para a pintura será favorecida pela poética dos textos de Bachelard aliadas aos mistérios do reino elemental como meio de conduzi-los a uma noção de integridade com a natureza, fazendo a ponte para o imaginário material e, por fim, a atividade prática, que será pautada pela livre criação.

Os diálogos do artista com a matéria são, na verdade, diálogos íntimos consigo mesmo. Dentro da crescente riqueza formal em que a matéria pode ser compreendida, é o próprio ser que se identifica. Daí também artista criador não se confundir com a figura do intelectual erudito. No caso, o ser artístico está na frente do intelectual. É um outro saber que está em jogo, outro tipo de compreensão, outras realidades e outra lealdade. Quem não vivenciar a sensualidade das matérias com que trabalha como uma profunda verdade existencial, e como compromisso irreduzível com o próprio ser, não há de se tornar artista. (OSTROWER, 1990, p. 223).

Haverá sugestões de direcionamento com os elementos da natureza para inspirar o processo criativo, mas o sujeito estará livre para adentrar e se entregar ao universo imaginativo: as memórias, sensações e impulsos que são experienciados na vivência, para que veja este momento como uma oportunidade de trazer à tona, pela força de vontade e de ação, a materialização de seus sentimentos mais profundos.

A imagem percebida e a imagem criada são duas instâncias psíquicas muito diversas e seria necessária uma palavra muito especial para designar a imagem imaginada. Tudo que é dito nos manuais sobre a imaginação reprodutora deve ser creditado à percepção e à memória. A imaginação criadora tem funções complementares diversas da imaginação reprodutora. A ela pertence uma função do irreal que é psiquicamente tão útil quanto a função do real, evocada com tanta freqüência pelos psicólogos para

caracterizar a adaptação de um espírito à realidade etiquetada por valores sociais. (BACHELAR, 1948, p. 3).

Propondo uma reflexão a respeito das motivações que levaram alguns artistas a realizarem suas obras, surge a questão: qual a necessidade que os moveram a criar? Além dos contextos históricos e culturais de cada época, acredito que, antes, a arte acontece em um nível muito sutil de entrega, sinceridade e integridade do artista com ele mesmo, e consiste também em sua determinação em manifestar sua expressividade, que acontece através da dedicação com que empreende a realização de suas obras. É, antes de tudo, uma vivência de auto-investigação, de conscientização da realidade e do ponto onde se situa no mundo e de busca por acessar o universo interior, e os lugares mais livres da imaginação. Os debates reflexivos sobre a apreciação e leitura das imagens possibilitará identificar o grau perceptivo dos estudantes, direcionando a vivência, abrindo gradativamente o refinamento perceptivo e de expansão e deslocamentos de suas consciências, que é o que se espera que o exercício proporcione.

Esta é uma experiência que, pelo seu poder simbólico, pode atuar em muitas outras dimensões da vida destes indivíduos, ativando uma força motora muito profunda (inclusive primitiva) em que poderão enxergar-se como criadores da própria história, assumindo a própria vida, onde não são meras vítimas do acaso ou do destino, mas sujeitos ativos que influenciam, movem, transformam e realizam.

Seção 2

A Viagem Interior que Liberta - O Método

“Alguém precisa ter caos em si mesmo para dar luz a uma estrela dançante.”

(Nietzsche)

2.1 - As Cores

a) Verificando a percepção, inclinações e receptividade

- Distribuir sobre um círculo (em que estaremos dispostos) variedade de imagens de obras de arte na linguagem da pintura, para que os alunos escolham a que sentirem-se mais atraídos. Após cada um pegar uma imagem, conversaremos e os participantes dirão por que escolheram aquela imagem. Nesta ocasião observaremos e deixaremos nos levar, pela apreciação e reflexão, por suas significações simbólicas. A idéia não será

fragmentar a imagem, mas abrimo-nos minimamente para tentar compreender o que ela nos comunica, deixando em aberto, ainda, as muitas possibilidades de apreensão que se pode obter em cima de uma única imagem, as sensações que podem causar em um e em outro, etc. O objetivo é sentir e compreender. Inspirar e fazer.

O pintor vive de muito perto a revelação do mundo pela luz para participar, com todo seu ser, do nascimento incessantemente renovado de um universo. Nenhuma arte é tão diretamente criadora, manifestamente criadora, quanto a pintura. Para um grande pintor, que medita sobre o poder de sua arte, a cor é uma força criadora.

(...) A cor trabalha a matéria. É uma verdadeira atividade da matéria, que a cor vive de uma constante troca de forças entre a matéria e a luz. Do mesmo modo, pela fatalidade dos sonhos primitivos, o pintor renova os grandes sonhos cósmicos que ligam o homem aos elementos, ao fogo, à água, ao ar celeste, à prodigiosa materialidade das substâncias terrestres.

(...) permanentemente durante seu trabalho o pintor conduz sonhos situados entre a matéria e a luz, sonhos de alquimistas nos quais suscita substâncias, aumenta luminosidades, modera tons que resplandecem muito brutalmente, determina contrastes onde podem revelar lutas de elementos. Os dinamismos tão diferentes dos vermelhos e dos verdes dão testemunho disso.

(...) Diante de tal produção de uma nova matéria, que reencontra por uma espécie de milagre as forças colorantes, cessam os debates sobre o figurativo e o não-figurativo. As coisas não são mais apenas pintadas e desenhadas. Elas nascem coloridas, nascem pela ação mesma da cor. Com Van Gogh, um tipo de ontologia da cor nos é subitamente revelado. O fogo universal marcou um homem predestinado. Esse fogo, no céu, justamente aumenta as estrelas. Até aí chega a temeridade de um elemento ativo, de um elemento que excita a matéria o bastante para dela fazer uma nova luz.

Porque é sempre por seu caráter ativo que um elemento primordial provoca o pintor. Uma escolha decisiva é feita pelo pintor, escolha na qual compromete sua vontade, vontade que não mudará de eixo até a finalização da obra. Por essa escolha, o pintor atinge a cor desejada. (BACHELARD, 1985, p. 26 e 27).

b) Introduzindo noções técnicas de utilização das cores

- As noções que nos fazem “perceber” a cor = pigmento + luz, no mundo natural.
- Demonstrar a escala de cores e variações (primárias, secundárias e terciárias).
- Combinações opostas complementares da escala.
- A harmonização pela passagem de cores - dégradé, e contrastes.
- Exemplo de artistas e obras que exploraram a arte pelo viés cromático (Cildo Meireles, Hélio Oiticica, Yves Klein, Mondrian, etc.).
- Exemplo de artistas, obras e outras linguagens artísticas que exploraram a arte pelo viés dos elementos (Anish Kapoor, Zena Holloway, César Martínez).

c) Prática experimental (*esquentando a mão, soltando o traço*) – *pontos, linhas, texturas, formas, cores e ritmos*. Materiais: giz pastel, giz de cera e lápis de cor aquarelado.

- Exercícios de luz e sombra, contrastes, passagem de cores (dégradés), “soltando o traço” (livremente), linhas, pontos, curvas, texturas, ritmos, entre outras possibilidades de composição.

2.2 - *Introdução Aos Seres Elementais*

Que seus olhos se abram, E seus corações transbordem, O que encanta também protege, Jamais devem esquecer! (Ted Andrews)



Figura - lemanjá Cósmica - lápis aquarelado s/ canson - 2010

Esta introdução abrirá nossa percepção quanto às energias vitais que nos constituem materialmente e que nos integram com a Terra, dando entendimento quanto à atuação desses elementos em nossa energia vital e possibilidades de sintonizar com cada elemento, por meio de práticas conscientes junto ao ambiente natural e a apropriação da matéria para manifestação criativa. A sintonia e a atenção com relação à atuação dos seres elementais nos abre para dimensões mais sutis da manifestação da vida e muito do que ela nos revela, porém, com mais consciência e até domínio sobre essas atuações alquímicas.

(...) O ar, água, fogo, terra tem duas naturezas, uma visível e outra invisível. Os minerais, os vegetais, os animais e os humanos vivem num mundo composto da parte densa desses quatro elementos, todos são construídos combinando os elementos. Água é representada pela ciência moderna por hidrogênio, o ar em oxigênio, o fogo por nitrogênio e a terra por carbono. Da mesma forma a parte invisível é representada por diversos seres invisíveis, esses múltiplos seres são chamados de ELEMENTAIS e ESPÍRITOS DA NATUREZA. Paracelso (Alquimista Hermético) dividiu esses seres em grupos dentro de seus quatro elementos, chamando-os de elementais e classificados nos grupos com os nomes de gnomos, ondinas, silfos e

salamandras. (Fonte: <http://www.portalangels.com/elementais2.htm> - acessado em 5/8/10).

Há ainda uma infinidade de seres (considerados mitológicos) que simbolizam as emanções da natureza, que diferem dos seres elementais. São conhecidos por dríades, fadas, duendes, ninfas, elfos, anjos, faunos, dragões, saci-pererê, curupira, os **Orixás**, que na linha da Umbanda e do Candomblé representam os espíritos da natureza: Iemanjá – do mar; Oxalá – do céu; Ossãe – das ervas medicinais; Nana – dos pântanos; Oxum – dos rios e cachoeiras; Iansã – dos ventos, relâmpagos e tempestades; Xangô – fogo e trovão, e etc.

Os seres do Reino Elemental, diferentemente dos espíritos da natureza, não possuem personalidade individualizada, eles se combinam e se integram para formar toda substância material da Terra, e atuam numa dimensão mais sutil que a tridimensional. De acordo com Ted Andrews, os seres elementais:

(...) São as células construtoras da criação. Encontram-se muito próximos da fonte essencial de energia e consciência. O contato com eles determina em nós respostas fortes e bem definidas. Estas respostas tipificadas se enquadram sob o signo de um dos quatro elementos primordiais: terra, água, ar e fogo. Eles se integram e combinam para criar e preservar toda substância material da Terra. Não se trata de meros símbolos ou conceitos, mas sim de forças vitais atuantes que se encontram em nosso interior e no seio da natureza. Os elementais nos recarregam energeticamente e fornecem o combustível de que necessitamos para continuar vivos. Trabalham com todos os planos do nosso ser, desde o físico, emocional até o mental e espiritual. Na verdade, todos possuímos um Elemental que foi designado para zelar por esses planos em nós. (ANDREWS, 1994, p. 53).

2.2.1 - Elemental da Terra - Gnomos

Atuam com os seres humanos por meio da natureza. Revelam-se nas energias características e únicas de cada pedra, flor, árvore ou rocha, em cada raiz, casca de árvore, montanhas e etc., encerrando grandes mistérios e auxiliando na manutenção da natureza. Em nossa constituição física e orgânica, auxiliam na preservação do corpo físico, em sua composição e na assimilação de minerais.

Cada partícula de areia do solo equivale a uma dos milhares de células que compõem seu corpo. Todos os minerais encontrados no seio da Terra existem dentro de você também. Assim você está permanentemente ligado a ela e ela a você. Tudo que acontecer a ela retornará a você. (ANDREWS, 1994, p. 92).

Simplemente não seríamos capazes de funcionar adequadamente sem o auxílio deste Elemental. É tão fundamental para nossa existência quanto respirar. Ajuda-nos a desenvolver as percepções dos cinco sentidos, e nos ensina a cautela e a prudência, nos inspirando consciência e confiabilidade. Buscar uma sintonia equilibrada com nosso Elemental pessoal nos permite desenvolver autodeterminação e estima; uma harmonia mais consciente nos torna espontaneamente prestativos e humildes. Conforme assinala Andrews (1994, p.59): “A maneira mais fácil de controlar e direcionar os elementais da terra é por meio de uma generosidade espontânea”. Uma boa forma que é simples e eficaz para buscar ligação com nosso Gnomo pessoal, especialmente quando sentirmos que esta ligação está enfraquecida, é andar descalço no barro ou na grama, abraçar uma árvore ou, mesmo, passar algum tempo perto de plantas, o que também ajuda bastante.



Figura - Dríade - óleo s/ tela - 2011

2.2.2 - *Elemental da Água - Ondinas*

A água é fonte da vida. A atividade das Ondinas e sua força manifestam-se em todas as águas do planeta, sejam elas das chuvas, rios, mares ou oceanos. É através de nossa Ondina pessoal que entramos em contato com as emoções mais profundas do nosso ser, despertando-nos para a unicidade da criação, onde podemos encontrar intuição e compaixão curativa. Nossa Ondina pessoal desempenha funções importantes, tais como a circulação dos fluidos corporais, como o sangue e a linfa. Elas cooperam ainda na manutenção dos nossos corpos astrais, além de nos auxiliar a encontrar a *nascente interior*¹. São responsáveis por despertar em nós o dom da empatia, da cura e da purificação. Estimulam nossa natureza emocional e realçam nossa intuição e respostas emocionais. Se manifestam tanto nas energias da criação e do nascimento, quanto na imaginação criativa e nos fenômenos de premonição. “É graças a elas que sentimos profundo êxtase presente nos atos vitais criativos, seja de natureza sexual, artísticas ou até

1 ANDREWS, Ted. **Encanto do mundo das fadas: Comunicando-se com os elementais e os espíritos da natureza(o)**. Rio de Janeiro: Record, 1994.

no cumprimento dos deveres com o toque emocional adequado”. (ANDREWS, 1994, p. 60). As Ondinas nos permitem sentir sua presença no plano onírico e nos fortalecem para experiências mais conscientes em viagens nos planos astrais. Os sonhos em ambientes aquáticos e que transbordam sensualidade refletem a atividade das Ondinas, dando-nos a oportunidade do aumento da criatividade em nossa vida.



(...) com as mãos em concha segura um pouco de água diante de seus olhos. Este é o sangue da Terra. Sem ele a vida não se sustentaria. Nada poderia existir. Em um nível primordial, o seu próprio sangue não difere deste que tenho nas mãos. Todos os fluidos se interconectam e todas as fontes de fluido vital se afetam mutuamente.

(...) Cada rio poluído envenena uma artéria dentro do seu próprio corpo. Quando as águas são respeitadas e propriamente colhidas, nossa própria vida é respeitada e gera bons frutos. Embora os humanos pensem de modo contrário, nenhuma parte do universo se encontra separada das demais. Tudo o que existe se influencia mutuamente. (ANDREWS, 1994, p. 119).

2.2.3 - *Elemental do Ar - Silfos*

O ar é fonte de energia vital e os Silfos são a força criadora do Ar. Manifestam-se nas mais suaves brisas como nos mais violentos furacões. Essa energia vital característica do elemento Ar, nas práticas orientais que buscam trazer mais consciência sobre a respiração, como o tai-chi e o yoga, é denominada prana, chi (ou ki), trazendo o seu significado energético mais fundamental. E já que respirar é essencial à vida, um silfo é designado para nos acompanhar durante toda a existência. Ajuda-nos além do desenvolvimento e conservação do nosso corpo, atua com muita intensidade em nossos processos cognitivos, mentais e comunicativos. Equilibra nossas faculdades racionais e intuitivas, nos possibilitando ainda a inspiração.



Figura - FlorDala - óleo s/ tela - 2010

(...) Nossos pensamentos bons ou maus afetam-nos intensamente. Eles encorajam a assimilação de novos conhecimentos e fomentam a inspiração. Trabalham para purificar e elevar nossos pensamentos e inteligência. (ANDREWS, 1994, p. 64).

A sintonia com o Silfo pessoal auxilia na absorção de novos conhecimentos, possibilitando a expansão da sabedoria.

(...) Não existe vida sem ar. Você não existiria, nem nada mais no planeta. Onde quer que exista espaço no planeta existe ar, pois não sobrevivemos no vácuo. Os humanos ainda terão que aprender isto. Respiramos ar. Deslocamo-nos no ar e consumimos ar sempre que pensamos e falamos. (...) Todos somos afetados pelo ar e pela atmosfera a que nos encontramos expostos, e deixamos vestígios do nosso ser no ar por onde passamos. As palavras que proferimos, os pensamentos que emitimos, todos os nossos atos impregnam a atmosfera. Até no simples ato de respirar afetamos a atmosfera e somos afetados por ela. (ANDREWS, 1994, p. 140).

2.2.4 - *Elemental do Fogo - Salamandras*

As Salamandras atuam junto ao ser humano através do calor, das chamas, do fogo, das chamas etéreas e da própria luz solar. Todo e qualquer fogo é aceso graças ao seu auxílio. No ser humano despertam poderosas correntes emocionais, ativam os fogos do idealismo espiritual e da percepção. Suas energias, muito poderosas, além de proporcionar grande motivação para a criatividade, auxiliam na destruição do que é velho e na construção do novo. Alimentam o nosso fogo interior, dando-nos coragem para realizar as transformações da vida. “O fogo pode ser tanto destrutivo, quanto criativo em suas formas de expressão.” (ANDREWS, 1994, p. 66). Ressaltam nosso entusiasmo e nossa fé. A atuação das Salamandras é muito eficiente em trabalhos de cura, ou quando a cura está para acontecer, já que ajudam na desintoxicação do organismo. Nossa Salamandra pessoal auxilia ainda na manutenção da temperatura corporal, e no estímulo do



Figura - Espiralando "O Chamado das Salamandras" - lápis aquarelado s/ canson - 2011

metabolismo orgânico para a continuidade da boa saúde. Acentuam a vontade própria, a firmeza, a vitalidade e a franqueza. Impulsionam-nos positivamente para que tenhamos uma participação marcante no cenário da vida. Uma fraca ligação com a Salamandra pessoal configura-se em falta de ânimo, esmorecimento, falta de fé e pessimismo diante da vida. Uma ligação demasiada assinala impaciência, falta de auto-controle e de sensibilidade. A melhor forma de nos sintonizarmos equilibradamente com nossa Salamandra pessoal é por meio de uma atitude calma, satisfeita e serena diante da vida, adotando uma postura de aceitação da realidade como ela se apresenta, aqui e agora.

(...) É o fogo que fornece coragem e força quando não há mais nada nem ninguém com quem contar. O fogo nos capacita a abandonar o que não é benéfico. Capacita-nos a enxergar novas oportunidades. (...) Ele queima curando e destrói criando. Fortalece e exalta. Trabalhando com ele você aprenderá a concretizar suas maiores paixões e desejos e também se desprender do indesejável para se realizar plenamente. (ANDREWS, 1994, p. 171 e 172).

2.2.5 - Éter

“O éter é a substância da qual emanam todos os outros elementos. Ele preside e permeia toda a criação, bem como todos os signos e elementais.” (ANDREWS, 1993, p. 69).



Figura - Além dos olhos estão os mistérios - óleo s/ tela

- 2011

2.2.6 - Sintonizando com o elemento pessoal

Para que os portais de nossa percepção em relação a esses reinos sejam acessados, é necessário que saibamos que há maneiras de sintonizar mais com alguns elementos do que com outros. Uma forma de fazer isso conscientemente é através do elemento de nosso signo astrológico: ele nos fornece pistas importantes que nos auxiliam a detectar o elemento ou elementos com que possuímos maior afinidade de sintonia. Nosso signo de nascença espelha a energia que precisamos desenvolver nessa vida. Nesse sentido, revela-se o grupo de elementais em que a sintonia se revelará mais facilmente.

2.3 - Inspirações poéticas dos elementos - sensibilização

“O princípio de aprofundamento do nosso ser é a comunhão mais e mais profunda com a Natureza.” (BACHELAR, 1985, p. 113).

Este será o momento da vivência que precederá a parte prática. Um momento em que fragmentos poéticos de Bachelard sobre os elementos primordiais da natureza poderão subsidiar, dar vazão e lançar o fenômeno imaginativo nos participantes.

O que caracteriza um artista é ele olhar para dentro de si mesmo. Toda experiência em arte é um experimentar-se, é a experiência de si mesmo, é uma pesquisa em você mesmo.

Você não pode fazer experiências com os outros. Este silêncio do olhar para dentro à procura da origem das coisas é que é o grande problema da arte. Procurando a origem você fica original, e não, querendo fazer uma coisa diferente. É por isso que eu acho que criar está junto com viver, que arte e vida são a mesma coisa. (Amílcar de Castro)

2.3.1 - O Mergulho

Resgatando a natureza essencial de nossa capacidade de criar... Fazendo brotar através da vivência poética dos elementos, nossa mais pura e espontânea participação na ativa e constante criação universal... Conscientizando-nos da magnífica transitoriedade do tempo, da vida, do mundo e da insubstancialidade de todas as coisas... O que agora é, daqui a um instante já não é mais... Que possamos nos conectar com esse rio de impermanência onde a vida acontece... Onde tudo, a todo momento, se transforma em ritmo constante... Dentro e fora de nós.



Aqui não reprimimos nossa criança (interior). A pureza é possível e invocada, permitindo-se nascer *novamente*. Que nos abramos a esse campo de potencialidade pura. Onde tudo ainda está para acontecer.

Trazendo nossa atenção, nossa energia, nossa presença para este momento, para esta experiência. Que possamos

Figura - Zena Holloway - fotografia adentrar o portal que conduz ao reino poético de nosso ser. Ao reino onde surge o encantamento. Permitindo-se...

A seguir, uma série colagens de fragmentos de textos de Gaston Bachelard associados aos elementos primordiais, no intuito de alimentar e fervilhar o imaginário poético e a sensibilização para a atividade prática:

2.3.2 - Alimentando o imaginário poético através do elemento

Fogo

As mais frias metáforas transformam-se realmente em imagens, através da chama, tomada como objeto de fantasia. (...) A verdadeira imagem quando vivida primeiro na imaginação, deixa o mundo real e passa para o mundo imaginado, imaginário. Através da imagem imaginada conhecemos esta fantasia absoluta que é a fantasia poética. Um ser sonhador feliz de sonhar, ativo em sua fantasia contém uma verdade do ser. Um destino do ser humano. (BACHELARD, 1989, p. 10).

(...) A chama determina a acentuação do prazer de ver, algo além do sempre visto. Entre todas as imagens, as imagens da chama, das mais ingênuas às mais apuradas, das sensatas às mais loucas, contém um símbolo de poesia. Todo sonhador inflamado é um poeta em potencial. (...) A admiração pela chama do fogo está enraizada em um passado muito longínquo ancestral. (...) A chama nos força a olhar. (...) Então, seguindo uma das leis mais constantes da fantasia diante da chama, o sonhador vive em um passado que não é mais unicamente seu, no passado dos primeiros fogos do mundo. (...) A chama é em si mesma, uma grande presença, mas, perto dela sonha-se longe, longe demais. Perdemos-nos em fantasias. (BACHELARD, 1989, p. 11).

(...) Então, se o sonhador inflamado fala com a chama, fala consigo mesmo, ei-lo poeta. Ampliando o mundo, o destino do mundo... (...) Amplia a linguagem, já que exprime uma beleza do mundo. (...) Uma alimentação aérea, sendo o oposto de uma "alimentação terrestre", é o princípio mais ativo para dar um sentido vital às determinações poéticas. O conselho de toda chama é queimar alto, sempre mais alto, para estar certa de dar a luz. Para atingir esta "altura psíquica" é preciso encher todas as impressões (do fogo), insuflando-lhes matéria poética. (BACHELARD, 1989, p. 12).

(...) A chama pode concretizar o ser de todas as suas imagens, o ser de todos os seus fantasmas. (BACHELARD, 1989, p. 13).

(...) As imagens faladas traduzem a extraordinária excitação que nossa imaginação recebe das mais simples das chamas. (BACHELARD, 1989, p. 13).

Nossas fantasias são verdadeiros hábitos psíquicos fortemente enraizados. (...) As fantasias da pequena luz pode nos levar ao pequeno reduto de familiaridade. Como se existisse em nós cantos sombrios que toleram apenas uma luz bruxuleante (tremula oscilante). Um coração sensível gosta de valores frágeis. Comungam com os valores que lutam, portanto, com a luz fraca que luta contra as trevas. Desta forma todas as fantasias da pequena luz conservam certa realidade psicológica da vida atual. Conservando um sentido e até uma função. Dando a psicologia do inconsciente toda uma aparelhagem de imagens para interrogar calmamente, naturalmente, sem sentimento de enigma, o ser sonhador. Com a fantasia da pequena luz o ser se sente em casa, seu inconsciente é como se fosse sua casa. O sonhador! – esta duplicata do nosso ser, este

claro-escuro do ser pensante – tem na fantasia da pequena luz, a segurança de ser. (BACHELARD, 1989, p. 14).

(...) Como minha alma pode atingir outra alma? Como um mero objeto poderia ser revestido de uma aparência que fala aos olhos e ao espírito? (BACHELARD, 1989, p. 16).

(...) O Sonhador inflamado une o que vê ao que viu. Conhece a fusão da imaginação com a memória. Abre então todas as aventuras da fantasia, aceita a ajuda dos grandes sonhadores e entra no mundo dos poetas. (BACHELARD, 1989, p. 19).

O que alimenta o onirismo propunha uma ascensão imaginária que precisava ser ilustrada por imagens bem ordenadas, tendo cada uma delas uma virtude de ascensão. O guia alimentava o onirismo do sonhador, oferecendo no momento preciso imagens para lançar e relançar o psiquismo ascendente. Esse psiquismo ascendente só é benéfico se sobe alto, sempre mais alto. Para que esteja seguro de que o paciente, em plena vida metafórica, abandonará as misérias do ser. (BACHELARD, 1989, p. 21).

(...) O fogo sugere o desejo de mudança, de forçar o correr do tempo, de chegar imediatamente ao termo da vida, à outra vida. (...) O ser fascinado escuta o apelo ao braseiro. Para ele a destruição é mais que uma mudança, é uma renovação. Este devaneio muito especial e, no entanto, muito complexo no qual se unem o Amor e o respeito (de temor) pelo fogo, o instinto de viver e o instinto de morrer. (BACHELARD, 1994, p. 37).

O amor, a morte e o fogo unem-se num mesmo instante. Através do seu sacrifício no coração da chama, o efêmero dá-nos a lição de eternidade. (...) A morte total e sem vestígios é a garantia de que partirmos inteiros para a outra vida. Perder tudo para tudo ganhar. A lição do fogo é clara: “Depois de tudo haveres obtido através da manha, do amor ou da violência, é preciso que cedas tudo, que te aniquiles” (Demazia Contemplação da Morte) (BACHELARD, 1994, p. 38).

O sonho é mais forte que a experiência. (BACHELARD, 1994, p. 43).

2.3.3 - Alimentando o imaginário poético através do elemento Ar

O imaginário ligado ao ar caracteriza-se exatamente por ser dinâmico, além de ascendente, trazendo em seu bojo as forças do vento, o passar das nuvens. Está animado portanto em seu próprio movimento. A imaginação intrinsecamente dinâmica vive. (BACHELARD, 1985, p. xxiv).

2.3.4 - Alimentando o imaginário poético através do elemento Terra



Uma botânica imaginária, feita da invocação aos ramos, à madeira, às folhas, às raízes, às cascas, às flores e às ervas, pôs em nós um fundo de imagens de espantosa regularidade. Valores vegetais nos comandam. Cada um de nós ganharia em fazer um levantamento desse herbário íntimo, no fundo do inconsciente, onde as forças suaves e lentas de nossa vida encontram modelos de continuidade e perseverança. Uma vida de raízes e de rebentos está no coração de nosso ser. Na verdade, somos plantas muito velhas. (BACHELARD, 1985, p. 64).

Figura - Sementes -

lápiz aquarelado s/ canson - 2010

2.3.5 - Alimentando o imaginário poético através do elemento Água

“(…) A natureza nos força a contemplação. Assim, sob as formas mais diversas e nos autores mais estranhos vemos produzir-se uma troca sem fim de visão para o visível. Tudo o que faz ver vê. (...) Os relâmpagos jorram ininterruptamente através das fendas de meus postigos, como as piscadelas de um olho de fogo sobre as paredes de meu quarto.” (Lamartine em *Graziella*) Assim, o relâmpago que ilumina olha. (...) Mas, se o olhar das coisas for um tanto suave, um tanto grave, um tanto pensativo, é um olhar da água. O exame da imaginação conduz-nos a este paradoxo: na imaginação da visão generalizada, a água desempenha um papel inesperado. O verdadeiro olho da terra é a água. Nos nossos olhos, é a água que sonha. Nossos olhos não serão “essa poça inexplorada de luz líquida que Deus colocou no fundo de nós mesmos?” Na natureza é novamente a água que vê, é novamente a água que sonha. “O lago fez o

jardim. Tudo se compõe em torno dessa água que pensa”. Tão logo nos entregamos inteiramente ao reino da imaginação, com todas as forças reunidas do sonho e da contemplação, compreendemos a profundidade do pensamento de Paul Claudel: “A água, assim, é o olhar da terra, seu aparelho de olhar o tempo.” (BACHELARD, 1989, p. 33).

(...) Tudo deve flutuar no ser humano para que ele próprio flutue sobre as águas. Como sempre acontece no reino da imaginação, a inversão da imagem prova a importância da imagem; prova seu caráter completo e natural. Ora, basta que uma cabeleira desatada caia - escorra - sobre ombros nus para que se reanime todo símbolo das águas. (...) Não é a forma da cabeleira que faz pensar na água corrente, mas o seu movimento. (BACHELARD, 1989, p. 87 e 88).



Figura - Ofélia - aquarela s/ canson - 2011

2.4 - A prática - Um Devaneio da Matéria

A imagem “comunica” e também direciona sua construção, quando conduzida por uma intenção, vislumbres, visualizações, construções imagéticas... A idéia é estimular o imaginário principalmente por meio da experimentação. O escorrer de uma mancha de tinta pode virar um universo se apenas encontrar seu sonhador. Esse é um dos sentidos do imaginário material, realizado pela força ativa que intenciona a criação, a materialização do imaginário. Cria-se uma dinâmica entre a ação e a imaginação, e vice versa.

(...) Antes de qualquer escuta, de qualquer vontade de desenhar objetos, antes de qualquer ambição de revelar signos, um sonhador obedece aos sonhos íntimos de uma substância mágica, escuta todas as confidências da mancha, eis que a tinta se põe a dizer, preto no branco, seus poemas, põe-se a desenhar os longínquos passados de seus cristais. A tinta sozinha pode revelá-lo, porque estes *Sonhos* de tinta são, na verdade, os sonhos da tinta. (...) Se souber escolher, se escutar os oráculos da tinta profética, terá a revelação de uma estranha solidez dos sonhos. (BACHELARD, 1985, p. 48).

A poesia da tinta convida à ação, conduz a intervenção do imaginário humano sobre a matéria, sobre a vida, o destino e o mundo. Na liberdade e consciência deste poder (de criação) é possível manifestar, por meio da expressão artística, o

que cada um traz dentro de si. Uma natureza única e essencial a cada um, que se vislumbra investigando, se conhecendo, sentido... E fazendo, livremente.

2.4.1 - Considerações sobre técnica e estímulos ministrados

“O que existe de mais real no mundo é o que não podemos ver”. (Autor desconhecido).

No roteiro deste método, serão trabalhadas questões básicas quanto às técnicas e à teoria de composição. Acredito que a técnica está a serviço de uma intenção, o avanço é uma conquista do indivíduo em empenhar-se no seu aprimoramento. “O exercício faz a assimilação”, conforme pontuou minha orientadora neste trabalho, a Dra. Ana Beatriz Barroso. O aprimoramento da técnica dependerá tão somente da intenção do sujeito, já que o fazer artístico é uma questão de escolha. Nesse sentido é possível afirmar que arte não se ensina, de acordo com Fayga Ostrouwer:

(...) isto é tão impossível quanto ensinar alguém a viver. O máximo a que um professor pode propor-se, ao transmitir conhecimentos técnico ou teóricos, é a educação da sensibilidade dos alunos, oferecendo-lhes a possibilidade de descobrirem seu próprio potencial. (OSTROWER, 1995, p. 223).

2.4.2 - Uma íntima reflexão sobre a criação

Baseando-me em minha experiência enquanto artista, na ocasião de aplicação das atividades práticas, neste método específico o participante será estimulado a inovar quanto à utilização de suportes, especialmente quanto a suportes de fundo branco. Retomo que esta é uma visão pessoal; mas, se compreendemos que a cor branca é a reflexão de todas as cores, não será difícil observarmos que a fluência na experimentação prática poderá ser mais eficaz (interessante ou inovadora) se aplicada em fundos que não sejam brancos. Por quê? Proponho aqui que façamos uma analogia com o espaço sideral e a física quântica, onde o berço de geração e criação atômica acontece no negro espaço, ou no mais profundo vazio. Se falamos em criação, sinto que o fundo branco pode comprometer ou atrapalhar consideravelmente a sua fluência, pois me parece que, ao recorrer aos suportes

pintados de branco, isso muitas vezes me faz adiar o ponta-pé inicial, me inibe, sinto-me intimidada por aquele espaço cheio de cor (branca), que me parece já tão preenchido. Isso tudo provavelmente acontece de forma inconsciente, mas o *insight* veio justamente enquanto eu utilizava a cor branca para colorir uma pintura de fundo violeta. Foi através de uma experiência pessoal que veio esta compreensão: como é possível criar em um espaço já tão preenchido? Devido a essa impressão em minhas oficinas, um dos estímulos será a experimentação de processos de criação em espaços não-brancos, negros, ou em qualquer outra cor... A princípio gostaria de evitar o fundo branco.

Recordo, sempre, que o processo aqui neste método se sobrepõe ao resultado. Claro que no decorrer do procedimento ensino-aprendizagem, espera-se que o indivíduo avance em seu modo perceptivo, crítico, sensório e sensível, e que deverá transparecer natural e progressivamente. Mas o foco é a oportunidade da experiência artística, o permitir-se contatar esta dimensão sensível, compreender, sentir, superar limitações e experimentar-se. Sem medo de errar, do receio de competir, sem a pressão de se enquadrar. Uma oportunidade, mesmo que ínfima, de se libertar.

Seção 3

3.1 - Experimentação do Método em 13.11.2011

Oficina de Pintura: *A Inspiração Poética dos Elementos da Natureza para o Imaginário Material*

Durante a experimentação do Método *A Inspiração Poética dos Elementos da Natureza para o Imaginário Material*, convidei um grupo de seis pessoas, com faixa etária entre 12 (doze) e 40 (quarenta) anos de idade. Três ambientes foram preparados para cada etapa da oficina (que foi realizada em minha casa). A primeira e a terceira etapas foram ao ar livre e a segunda no interior da residência, para utilizarmos o computador para passar informações técnicas sobre as cores e possibilidades básicas de composição. Houve uma inversão na ordem das etapas.

Contato com obras de arte

Selecionei algumas imagens de artistas consagrados para que os participantes escolhessem a que mais lhes chamasse a atenção. Essa etapa ocorreu de forma bem fiel planejado neste projeto.



ao

Parte 2

Informações básicas sobre as cores e exercício prático para soltar o traço com possibilidades de composição – pontos, linhas, formas, texturas e cores.

As cores e possibilidades técnicas de experimentação

Primeiro passei uma apresentação de imagens do mundo natural (arco-íris, flores, pássaros, oceano, fogo, céu, etc.), demonstrando a beleza, harmonia das cores e os elementos primordiais. Em seguida fiz uma apresentação mais técnica, com escalas e gráficos para demonstrar como se combinam, se contrastam e se harmonizam teoricamente.



Exercícios de experimentação da mão, do traço e das cores (esquentando a mão)

Os participantes colocaram em prática o que haviam acabado de ver em teoria. Experimentaram ritmos, texturas, passagem de cores, contrastes e etc. O que foi mais estimulante para o grupo foi que a maioria dos participantes estava há muitos anos sem contato algum com esse tipo de experiência.

Parte 3

Estimulando o Imaginário com fragmentos poéticos de Bachelard – Sensibilização

Distribuí, dentro de uma pequena tigela de barro, entre ervas secas aromáticas, alguns papéis enrolados que continham fragmentos de textos poéticos de Bachelard selecionados nesta proposta metodológica. Cada integrante retirou um papelzinho e leu para todos. Nesse momento acendi uma vela e a coloquei no centro da mesa. Pedi que, antes de começar a pintura,



que todos fechassem os olhos para escutar (com calma e atenção) o que cada um iria trazer em leitura. Observação: Naquele instante tinham acabado de fazer o exercício de “esquentar” a mão e o traço, e estavam muito afoitos para começar a pintar. Foi preciso pedir uma pausa, porque naquele momento daríamos início a outro momento da vivência.

A prática com pintura

Nesse momento eles escolheram os materiais (o suporte, o pincel, a tinta ou giz pastel e cola colorida). Sugeri que cada um trabalhasse o próprio elemento primordial, mas se sentissem vontade de trabalhar outro elemento, também poderiam, mas buscando a princípio essa integração com o próprio elemento. Foi lembrado também para que prestassem atenção quanto ao que a pintura em



sua composição comunicava para eles, e para que se deixassem conduzir por ela, conforme proposto também neste projeto e de encontro ao *imaginário material*, demonstrado por Bachelard.

No total foram sete horas de vivência, com início às 11 horas e término às 19 horas. Além do assunto em questão, que para o grupo foi algo inovador e estimulante procurar desencadear processos criativos e artísticos a partir da auto-investigação e de uma consciência unitária, *cósmica*, de criação e de integridade

com a natureza, houve também uma boa adesão em relação ao método e ao suporte (não-branco) sugerido, e a exploração do imaginário material, proporcionado pela própria experiência prática.

Sinto que há muito espaço ainda a ser explorado em nível de experimentações técnicas como argila, aquarela e etc., que se encaixariam perfeitamente com a temática dos elementos primordiais. Sinto que a realização dessa única experiência de aplicação do método *A Inspiração Poética dos Elementos da Natureza para o Imaginário Material* trouxe a oportunidade de lapidar um pouco mais a transmissão deste conteúdo, que poderá se tornar ainda mais didático e empírico, equilibrando as duas vertentes de realização. Abrindo um pouco mais o leque de possibilidades da utilização, como meio de sensibilização, a temática da natureza integrada, nos conduz a um campo infinito de investigação e de possibilidades.

Resultados plásticos da Oficina:



Figura - Luane



Conclusão

Figura - Hermano



“Arte é dez por cento inspiração e noventa por cento transpiração.” (Ariano Suassuna).

Figura - Jade

Com o objetivo de desencadear processos de sensibilização para a realização de atividades que propiciem a expressividade dos alunos no contexto escolar, propus um exercício de auto-investigação pautado pela

Figura 5 - Valéria

consciência de integração com a natureza e do entendimento da atuação dos Elementos Primordiais – ar, água, terra e fogo – e o

Reino

natural

nossa



Figura - Samila

Elemental em nossa constituição orgânica interligada ao ambiente como forma de expandir percepção para esta dimensão da vida e do

Figura - Yara



mundo. Aliando essa consciência ao contato com obras de arte, textos poéticos e exercícios técnicos de composição e de experimentação e no contato com materiais diversos, recordamo-nos de nossa capacidade de criação e de transformação. Utilizando simbolicamente esses conceitos, nos sensibilizamos minimamente para adentrar na exploração do universo imaginário suggestionando a tonalidade poética agente de sensibilização e de criação. Apropriando-nos da matéria para expressar este potencial do imaginário, um influenciando o outro e vice versa, damos vazão ao imaginário material e poético.

Este método visa, além de promover a sensibilização para a vivência prática criativa, permitir ao sujeito sentir a integração viabilizada pelo contato consciente com a atuação dos elementos em nossa constituição física, orgânica e sensória, trazendo mais consciência em relação à vida e a si mesmo, atrelando-o a uma teia cósmica em que nada está separado neste mundo, mas tudo se encontra conectado, e cada ato, pensamento ou ação influencia tudo quanto existe no universo, seja este universo periférico ou global, estejamos conscientes ou não.

É uma proposta que pretende elucidar, através de elementos simbólicos e com os textos poéticos, uma dimensão mais sensível do ser, como algo muito disponível e abundante no universo interior de cada um, bastando apenas ao sujeito, para que esta experiência ocorra, o ato da intenção e de entrega, permitindo envolver-se consigo mesmo e encantar-se com essas possibilidades da vida, do ser e do mundo. A noção de integridade² tão requerida e enfatizada nesta proposta é apenas um lampejo para algo que pode ser aprofundado, nutrido e aprimorado no contexto escolar, na utilização desta temática para a sensibilização com o estímulo adequado e progressivo, que possibilite o desenvolvimento do potencial dos alunos para a manifestação expressiva, procurando valorizar a tonalidade poética de cada um, o refinamento perceptivo como meio de liberação da criatividade e da criação.

2 Esta noção de integridade a que me refiro faz parte de minhas experiências no caminho do Budismo e do Xamanismo que trazem em seus preceitos a consciência de que tudo no universo se encontra integrado, e que a fonte de grande sofrimento e ilusão do ser humano é a idéia de separatividade ou individualidade.

Referências Bibliográficas

ANDREWS, Ted. **Encanto do mundo das fadas: Comunicando-se com os elementais e os espíritos da natureza(o)**. Rio de Janeiro: Record, 1994.

BACHELARD, Gaston, **A chama de uma vela**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **Psicanálise do fogo(a)**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. **Água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. **Direito de sonhar**. São Paulo: Difel-Difusão Européia do Livro, 1985.

_____. **La Terre et les Rêveries de la volonté**, éd. José Corti, 1948.

OSTROWER, Fayga. **Acasos e criação artística**. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

ROHDEN, Huberto. **Filosofia da arte: A metafísica da verdade revelada na estética da beleza**. Rio de Janeiro: F. Bastos, 1966.